

Editorial

Neste numero contamos com artigos derivados de pesquisa e teóricos, de varias cidades do país. Entre várias questões abordadas, notei uma diligência grande dos pesquisadores na temática da paternidade. Assim, publicamos três artigos que versam sobre tal assunto de diferentes abordagens e perspectivas.

Antes de tudo, prestamos nossa homenagem a colega e amiga Rosa Maria Farah, incansável batalhadora na vida e na profissão. A colega Leda Maria Perillo Seixas, do Departamento de Métodos e Técnicas da PUCSP, soube nos contar um pouco da trajetória de tão querida professora.

Iniciamos com um tema que versa sobre uma temática de grande interesse social que é a questão do trauma coletivo, da violência e guerras de nossos dias. *Do trauma individual ao trauma coletivo: Os Xíitas do sul do Líbano e os bombardeios israelenses 2006* de Jamil Zigueib Neto, pesquisador no CEPEDE/Pr: Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres, Curitiba – Paraná, artigo que resultou de pesquisa de campo que procurou explorar as disposições psíquicas dos cidadãos e suas ações em ambientes de extremo estresse e situações catastróficas. O foco do texto é a experiência da catástrofe vivida pela comunidade. Investigou-se o efeito das ideologias e das crenças na resistência psíquica e como reprodutor da violência. O autor, partindo de um ponto de vista psicanalítico, consegue transitar e expor as questões advindas do sujeito individual, seus traumas e possibilidades de resiliência até as grandes questões que caracterizam o grupo social estudado. Afirma que seus achados confirmam estudos de campo anteriores, indicando que as situações extremas imprimem suas marcas, porém suas consequências traumáticas instalam-se segundo a

“organização psíquica de cada um e do grau de sustentação oferecido por seu entorno social”.

Voltado para a prática clínica cotidiana de uma instituição universitária aberta ao público, temos o artigo intitulado *Caracterização das demandas de psicodiagnóstico infantil em uma clínica-escola de São Paulo*, de Lucilena Vagostello e sua equipe de psicólogas e professoras da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo. Trata-se de uma pesquisa documental que realizou levantamento das demandas e encaminhamento do público infantil que procurou a clínica-escola desta universidade no período de 2007 a 2013. O número de crianças do sexo masculino inscritas na clínica-escola foi duas vezes maior do que o de meninas. Constatou-se que as reações emocionais às relações familiares e imaturidade/atraso no desenvolvimento foram as problemáticas mais recorrentes em ambos os sexos. A terceira categoria mais frequente em meninos foi a agressividade e em meninas foi a dificuldade no controle dos impulsos. O levantamento das queixas iniciais e dos respectivos psicodiagnósticos permitiu mapear, com maior precisão, as demandas infantis da instituição estudada. A disparidade entre queixas e diagnósticos ressalta a importância do processo psicodiagnóstico, uma vez que as crianças e suas famílias podem, a partir dele, ser encaminhadas para modalidades psicoterapêuticas ajustadas às suas reais necessidades.

Abrindo a discussão sobre a paternidade, apresento o artigo *Paternidade e Cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos*, de Denise Bernardi, Doutoranda em Psicologia Clínica na PUC do Rio de Janeiro. Empreende uma reflexão teórica com dados históricos e a literatura sobre o gênero e cuidado, buscando delinear as várias formas de cuidar. A autora conclui que a despeito das mudanças nos conceitos acerca da paternidade e o maior envolvimento dos homens na criação dos filhos, antigos modelos e discursos ainda se mostram presentes.

De um ângulo teórico diverso, há o artigo *O que é um pai? A função paterna nos momentos iniciais do ensino de Lacan*, de Fábio Santos Bispo, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, juntamente com uma psicóloga clínica com mestrado pela USP, e colegas da Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de

Minas Gerais (UFMG). Os autores escolheram seis textos de Lacan e trabalharam com os seguintes itens: Complexos familiares: a função social do pai; O mito individual do neurótico – a função simbólica do pai; As psicoses – a função do significante do Pai; A relação de objeto – as formas da função paterna; As formações do inconsciente – os três tempos do Édipo; e *Das Ding* – a dimensão real da Lei. Concluem enfatizando a função normativa do pai na transmissão das leis sociais, seus diferentes modos de incidência subjetiva – imaginário, simbólico e real –, e enfim, sua função simbólica, considerada como elemento fundamental para o processo de estruturação do psiquismo.

Contribuindo para pensar a paternidade por ângulo teórico bastante diverso e articulando com a cultura da violência, há *A violência e a paternidade na cultura: Tropa de Elite, de Liliانا Liviano Wahba e Barbara Tancetti*, do Núcleo de Estudos Junguianos, do pós graduação em Psicologia Clínica da PUCSP. Segundo as autoras o artigo propõe uma leitura da violência a partir da noção do arquétipo paterno na sociedade ocidental pós-moderna, e, mais especificamente, da manifestação violenta e tirânica do pai tanto em seu aspecto individual como coletivo. Analisam o personagem Nascimento do filme, destacando que o mesmo recorre à tirania, narcisismo e comportamento violento na tentativa de lidar com a impossibilidade de resolução e mediação do conflito entre o feminino e o masculino criativos e o patriarcado tirânico. Com o estudo pretendem contribuir para a reflexão sobre o paradoxo da paternidade hoje.

Também na intersecção com a cultura, apresento o artigo *O universo de Terabithia: imaginação, sonho e objetos culturais como possibilidades de trânsito da realidade psíquica à realidade compartilhada*, de Claudia Perrotta, docente do Instituto Sedes Sapientiae e Elisa Maria de Ulhôa Cintra, do Programa de Estudos de Pós de Psicologia Clínica da PUC-SP. Trata-se de uma leitura winnicottiana do filme *Ponte para Terabithia* (2007). Segundo as autoras o foco é retratar como os personagens adolescentes Jesse e Leslie lidam com as frustrações cotidianas, com as tarefas próprias do processo de amadurecimento e como o brincar e a vida imaginativa são utilizados neste processo. Assim, “Leslie e Jesse construíram um lugar –

Terabithia – um *playground* que tinha o poder de tornar suportável a existência e de onde foi possível nascer o gesto espontâneo”.

Já dentro da área da Psicologia Social, há o artigo *Entre grifos, esboços e rasuras: as representações sociais de psicólogo para estudantes de Psicologia*, de Danielle Oliveira da Nóbrega, professora do curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas e Erika dos Reis Gusmão Andrade, Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É um relato de pesquisa de caráter qualitativo, em que se reuniu estratégias de produção de dados, como a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), o grupo focal e a pesquisa documental. Observaram a organização nos cinco campos: perfil, função, trabalho, ciência e processo formativo, os quais compõem os primeiros traços acerca da representação social de psicólogo. Os dados produzidos com a TALP sinalizam que a imagem delineada pelos estudantes de Psicologia está associada à imagem de uma profissão de caráter assistencialista, mas há algumas “rasuras e novos esboços”, apontando expressões como responsabilidade, conhecimento, compromisso ético-político, ética e comunidade que revelam o esboço de um outro desenho da profissão em desenvolvimento, com elementos mais coerentes com a realidade social.

Dentro da mesma abordagem, vem o relato de pesquisa na área de saúde no trabalho: *A (in) estabilidade dos usos do corpo: sobre as práticas de prevenção em saúde e segurança do trabalho no contexto de uma companhia geradora de energia elétrica no nordeste brasileiro*, de Fabiana Ribeiro Monteiro, Professora Assistente Nível II da Universidade Federal do Piauí, e Odair Furtado, Professor no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Participaram desta pesquisa dezoito profissionais da Saúde e Segurança no Trabalho (SST) de diversas áreas que responderam a entrevistas semi-estruturadas individuais no local e horários de trabalho. Os autores destacam que o essencial invisível das práticas de prevenção na saúde e segurança no trabalho é o corpo. As contradições sociais passaram a ser experimentadas como riscos pessoais, enquanto riscos gerados pelo processo de modernização foram privatizados e distribuídos desigualmente. Assim também aconteceu com os riscos de saúde. A ideia de responsabilidade individual pela própria saúde parece ter adquirido, em nossa época,

uma espécie de credibilidade absoluta que condena todos à prevenção dos riscos de adoecimento por meio do estilo de vida e trabalho.

Tratando de problemática de relevância social, em abordagem diversa, há o *artigo Práticas alimentares parentais: a percepção de crianças acerca das estratégias educativas utilizadas no condicionamento do comportamento alimentar*, de Nádia Prazeres Pinheiro-Carozzo e Jena Hanay Araújo de Oliveira, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão. Relata uma pesquisa quantitativa que visou avaliar a percepção das crianças acerca das práticas alimentares utilizadas pelos seus pais. Participaram do estudo cento e quatorze crianças, de escolas públicas e privadas de São Luis (MA), com idades entre oito e onze anos, tendo como instrumento o Questionário de Verificação das Práticas Alimentares (QVPA) – Versão Filhos (Mayer, 2011). A análise das práticas alimentares parentais indicou várias correlações entre as mesmas. Houve práticas consideradas adequadas que se correlacionaram entre si, em todos os cruzamentos, a saber: *envolvimento, ensino sobre nutrição, incentivo ao equilíbrio e variedade, modelo e monitoramento*. Descrevem como práticas inadequadas, o *uso de alimentos como recompensa e uso de alimentos para controle das emoções*. Concluindo as autoras sugerem incluir os pais em próximas pesquisas.

Ao final, podemos ler a resenha escrita por Valdeli Vieira do último livro do psicanalista Walter Trinca intitulado *As múltiplas faces do self*, em que o autor completa uma trilogia em que propõe um modelo de compreensão das perturbações psíquicas.

À leitura!

Rosa Maria Tosta

Editora

psicologia revista

Editora chefe

Rosa Maria Tosta

Vice editora

Ivelise Fortim de Campos

Conselho Executivo

Beltrina Corte

Durval Luiz de Faria

Elisa Maria de Ulhoa Cintra

Fátima Regina Pires de Assis

Ivelise Fortim de Campos

Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro

Regina Sonia Gattaz F. do Nascimento

Rosa Maria Tosta

Conselho Editorial

Antonio Virgílio Bittencourt Bastos

Universidade Federal da Bahia

Bernardete Angelina Gatti

Departamento de Pesquisas Educacionais Fundação Carlos Chagas

Carlos Roberto Drawin

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais

Claudia Lemos

Instituto de Estudos de Linguagem – Unicamp

Iray Carone

Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade

Instituto de Psicologia – USP

Liana Fortunato Costa

Universidade de Brasília

Luiz Roberto Monzani

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp

Maria Clotilde Rossetti Ferreira

Departamento de Psicologia e Educação

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP

Mathilde Neder

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – PUC-SP

Pedrinho Árcides Guareschi

Instituto de Psicologia – PUC-RS

Peter Kevin Spink

Fundação Getúlio Vargas

Ubiratan D'Ambrosio

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Yolanda Cintrão Forghieri

Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade

Instituto de Psicologia – USP